



## NOTICIAS INTERNACIONALES AL 29/09/2017

<b>GLOBAL</b> .....	<b>2</b>
Desafíos y oportunidades en el mercado mundial de carnes .....	2
Convergen precios internacionales del Ganado bovino .....	3
<b>BRASIL</b> .....	<b>3</b>
Mercado ganadero retoma senda ascendente.....	3
Aumentan las exportaciones de carne bovina en el acumulado de 2017 .....	4
Carne bovina: mejores perspectivas para fin de año .....	4
Exportaciones de carne fresca de Brasil a los EE.UU. pueden reanudarse en octubre.....	4
ESTADOS UNIDOS: rehabilitan plantas para exportar carnes procesadas .....	5
IBGE: existencias ganaderas alcanzaron el récord de 218 mil cabezas en 2016 .....	5
Rio Grande do Sul podría anticipar su declaración de zona libre de aftosa SIN VACUNACIÓN .....	6
Ministerio de Agricultura publicó concurso para incorporar 300 veterinarios.....	6
Mapa estableció procedimientos para la comercialización de productos veterinarios.....	7
Abiec organizó una misión comercial a CHINA.....	7
<b>URUGUAY</b> .....	<b>7</b>
Los pagos por la hacienda gorda están mejorando. ....	7
El precio del ternero superó los US\$ 2,30/kg de promedio .....	8
Existencias de ganado bovino bajaron 1,2%.....	9
SINGAPUR abre canal para valorizar cortes vacunos falta resolver certificación halal .....	9
MGAP prepara los detalles para la auditoría de Japón.....	10
La carne uruguaya se juega mucho en Anuga 2017 .....	10
<b>PARAGUAY</b> .....	<b>11</b>
Paraguay llevará carne y parrilla a feria alemana .....	11
<b>UNIÓN EUROPEA</b> .....	<b>11</b>
Entidades de productores sostienen que el tratado con Mercosur pone en riesgo el sector de carnes bovinas.....	11
Where's the Beef? EU at Odds Over Farm Trade Offer to Mercosur .....	12
Proteccionismo agrícola na Europa ameaça acordo com Mercosul .....	12
TLC entre Canadá y la Unión Europea achicó capacidad de la cuota 481.....	13
<b>ESTADOS UNIDOS</b> .....	<b>13</b>
Demanda absorbe incremento de la oferta .....	13
Exportaciones de carnes mantienen tendencia positiva .....	14
Existencias en feelots crecieron más de lo previsto.....	14
Capacidad de la industria frigorífica tendría que ampliarse ante la mayor oferta prevista .....	15
<b>VARIOS</b> .....	<b>15</b>
JAPON: evalúa levantar la barrera sobre las importaciones de carnes bovinas del REINO UNIDO .....	15
CANADA – advierte dificultades para la implementación del CETA en el sector carnes .....	17
JAPÓN: aumenta el consumo y las importaciones de carne vacuna al 2018.....	18
<b>EMPRESARIAS</b> .....	<b>18</b>
BPI creó un fondo de \$10 millones para ex – empleados luego del acuerdo con ABC News.....	18
Carne Angus Friboi fue reconocida internacionalmente .....	19
Mataboi teme que organismo antimonopólico objete su venta a JBJ .....	19



## GLOBAL

### Desafios y oportunidades en el mercado mundial de carnes

25/09/17 - por Equipe BeefPoint Fonte: NDSU, traduzida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

Por Tim Petry, Extension Livestock Marketing Economist do Departamento de Agronegócios e Economia Aplicada da NDSU (North Dakota State University)

As questões internacionais do comércio de carne bovina continuam dinâmicas e afetam os preços do gado a curto e longo prazos. Os EUA são um importante produtor de carne bovina, suína, frango e peru no mundo e também um grande exportador dessas commodities. Os EUA também são um importante importador de carne bovina.

O comércio internacional está aumentando em importância para o setor de carne bovina dos EUA. À medida que as novas questões comerciais surgem, os preços da carne e dos bovinos, bem como os preços das carnes concorrentes, ficam voláteis.

Um número crescente de questões, algumas controversas, parecem estar envolvendo o mercado mundial de carne bovina. Algumas fornecem desafios para exportadores de carne e países importadores, mas também podem oferecer oportunidades para países como os Estados Unidos.

Os EUA são o maior exportador de carne bovina de alta qualidade do mundo e o principal exportador de carne bovina em valor. O Departamento de Agricultura dos EUA (USDA) projetou que os quatro principais países exportadores de carne bovina em 2017, em ordem de importância, serão Índia, Brasil, Austrália e os EUA.

O USDA também previu que o mercado de carne da China/Hong Kong superará os EUA como o principal importador mundial de carne bovina. Problemas importantes com cada um desses outros países poderiam afetar o mercado de gado dos EUA.

A Índia estar em primeiro lugar no ranking como o principal exportador mundial de carne bovina é um tanto controverso por si só. A “carne bovina” que é exportada é principalmente carne de búfalos d’água, porque as vacas são consideradas sagradas para muitas pessoas hinduístas. No entanto, a carne de búfalos, também conhecida como carabeef, concorre diretamente com carne de menor qualidade produzida a pasto de outros países, como Brasil e Austrália.

Algumas frigoríficos na Índia são operados por muçulmanos, que tiveram problemas com o governo federal dominado pelos hindus. Em maio, o governo indiano impôs a proibição da venda de gado e búfalos nos mercados de animais para serem abatidos.

Em julho, o Supremo Tribunal da Índia suspendeu a proibição. Como as exportações de carne de búfalo são um mercado lucrativo para a Índia, muitos esperavam que a proibição fosse removida. Mas as perspectivas potenciais de uma proibição, pelo menos temporariamente, causaram incerteza e volatilidade no mercado mundial de carne bovina.

O Brasil, o segundo maior exportador de carne bovina, também teve sua parte na turbulência do mercado. Um escândalo de suborno da inspeção de carne envolveu várias empresas do setor e reduziu temporariamente as exportações de carne bovina no início de 2017.

A JBS, com sede no Brasil e a maior empresa de carnes do mundo, foi abalada por um escândalo de suborno político e está alienando alguns ativos.

No final de 2016, ambos os países aprovaram a comercialização bilateral de carne fresca e congelada entre os EUA e o Brasil. Quantidades relativamente baixas de carne bovina de menor qualidade foram importadas para os Estados Unidos do Brasil e algumas de alta qualidade foram enviadas dos EUA para o Brasil.

A JBS foi um player importante nessas transações. Em 22 de junho, o USDA anunciou que as importações de carne fresca e congelada do Brasil foram suspensas devido a preocupações com a segurança alimentar. A China, principal cliente de carne bovina do Brasil, também anunciou que estava examinando mais de perto a carne bovina do Brasil.

A Austrália, terceiro maior exportador de volume de carne bovina, sofreu uma grave seca em uma grande região produtora de carne bovina em 2014 e 2015. A redução forçada do rebanho resultou no aumento da produção e exportação de carne bovina. Um retorno a chuvas mais normais permitiu a reconstrução do rebanho em 2016 e a menor produção de carne reduziu as exportações. Curiosamente, durante os primeiros quatro meses em 2017, os EUA superaram a Austrália tornando-se temporariamente o terceiro maior exportador de carne em volume.

A Austrália foi o maior fornecedor de carne bovina para os EUA, mas caiu para o terceiro lugar em 2017 atrás do Canadá e da Nova Zelândia. As importações de carne da Austrália diminuíram 39% em 2016 com relação aos níveis inflacionados de 2015 e esse ritmo mais lento continua em 2017. A menor produção e os altos preços da carne também estão levando a um menor volume de exportações para outros países.



O mercado de exportação está se tornando cada vez mais importante para os preços do gado nos EUA. Após um difícil ano de exportação de carne bovina em 2015, devido a vários fatores, as exportações de carne bovina cresceram mais de 12,5% em 2016 e, segundo o USDA, devem aumentar outros 9% em 2017. As exportações aumentaram cerca de 15% no primeiro semestre de 2017. Essa foi uma das razões para o aumento do preço do gado em maio de 2017

As exportações dos EUA foram especialmente fortes para os quatro principais clientes: Japão, México, Canadá e Coreia do Sul. Vale notar que os EUA estão em negociações comerciais com o Japão porque o país se retirou da Parceria Trans-Pacífico.

No início de julho, a União Europeia e o Japão assinaram um Acordo de Parceria Econômica, que dá acesso favorável à carne bovina europeia no Japão. Os EUA também estão discutindo as provisões do Acordo de Livre Comércio da América do Norte (NAFTA) com o Canadá e o México. Manter o forte comércio de carne com os principais clientes de carne bovina é importante para os Estados Unidos.

O principal obstáculo para retomar as exportações de carne bovina dos Estados Unidos para a China foi o processo de negociação política. Agora que um acordo está em vigor e a carne pode ser exportada, o tamanho do mercado chinês precisará ser determinado pelo mercado.

As exigências de que a carne deve ser rastreável até a fazenda de origem usando um identificador exclusivo e não contenha promotores de crescimento, aditivos para alimentação animal e outros compostos químicos podem restringir a quantidade de carne bovina inicialmente disponível para exportação para a China. Os altos preços a mais longo prazo podem incentivar os produtores de carne a criar gado que cumpra esses requisitos.

Várias das questões discutidas anteriormente impactaram temporariamente os preços do gado e, em particular, o mercado de futuros. Com o acesso instantâneo a informações mundiais tão facilmente disponíveis, a expectativa é de que a volatilidade dos preços continue à medida que a dinâmica do mercado global de carne bovina continua a evoluir.

### **Convergen precios internacionales del Ganado bovino**

19 September 2017 A sharp decline in US fed cattle prices has seen global cattle prices converge to their narrowest point since September 2011 – on an A\$ currency adjusted basis. As illustrated in the chart below, the range between that of the highest (US) and lowest (Brazil) reported cattle indicators is now less than 1A\$ dollar (0.94A\$), the equivalent of 49%.

#### **US**

The US choice fed cattle indicator averaged 409.71A\$/kg lwt in May, but has since declined approximately 70% (or 121.7A\$) to average 287.99A\$/kg lwt in September.

US retail and foodservice operators took advantage of low beef prices at the end of 2016 and into early 2017. Beef was heavily featured and often at a discounted price, supporting strong consumer demand. Combined with the seasonal increase in demand (grilling season) and diverging import (lower) and export (higher) provisions, US cattle prices surged during the first half of 2017.

Fast-forward to September and US fed cattle prices are far more reflective of the growth in US beef production. Market-ready supplies are expected to rise until the end of the year – the result of aggressive feedlot placements.

Currency movements, specifically a weakening US dollar, also exasperated the marked decline in recent months.

#### **Brazil**

Brazilian cattle prices have recovered modestly in recent months, following several industry scandals and market access restrictions this year.

Sao Paulo state steer prices averaged 193.26A\$/kg lwt in September, up 27A\$ since July, as the US announced the suspension on all fresh and frozen beef imports from Brazil. In fact, Brazilian cattle prices are now tracking above that of the five-year average (186.3 A\$/kg lwt).

#### **Australia**

Australian cattle prices have continued their downward trajectory, underpinned by ongoing poor seasonal conditions driving cattle turn-off and reducing restocker demand. Australian cattle prices remain at a discount to that of the US – the Australian heavy steer indicator averaged 270.2A\$/kg lwt for September-to-date.

## **BRASIL**

### **Mercado ganadero retoma senda ascendente**

Sexta-feira, 29 de setembro de 2017 - Mercado do boi com cotações sustentadas.



Após a correção nos preços da arroba ocorrida nas últimas semanas, o mercado trabalha em ambiente mais firme.

Aparentemente esta é a resposta dos frigoríficos a um processo de redução das escalas de abate.

Em São Paulo, as programações atendem, em média, até meados da semana que vem, mas existem indústrias com escalas de apenas dois dias.

Dessa forma, ofertas de compra acima das referências voltam a ganhar força e aparecem com maior frequência.

No mercado atacadista de carne bovina com osso, preços estáveis. A definição dos preços neste mercado na abertura de outubro será um termômetro para os preços do boi em curto prazo.

### **Aumentan las exportaciones de carne bovina en el acumulado de 2017**

Quarta-feira, 27 de setembro de 2017 - Segundo dados do Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, o faturamento com as exportações brasileiras de carne bovina aumentou 5,5% de janeiro a agosto deste ano, em relação ao mesmo período do ano passado, chegando a US\$3,78 bilhões.

A alta foi puxada principalmente pelo aumento nas vendas de carne in natura e de carne salgada.

Nos últimos oito meses a receita com a comercialização de carne salgada foi de US\$22,90 milhões e a com carne in natura foi de US\$3,15 bilhões.

O volume embarcado de carne in natura de janeiro a agosto de 2017 foi de 754,98 mil toneladas, 2,3% mais frente ao mesmo período de 2016 (

### **Carne bovina: mejores perspectivas para fin de año**

Sexta-feira, 29 de setembro de 2017 - O preço médio nominal dos cortes sem osso vendidos no atacado na última quinzena de setembro, em São Paulo, é o menor desde 2015.

A expectativa agora é para o crescimento das vendas nestes meses finais de ano, comportamento sazonal, mas que não ocorreu em 2016.

Por enquanto, desde julho, quando os preços no atacado afundaram para o menor patamar de 2017, o mercado, apesar das desvalorizações das duas últimas semanas, já acumula alta de 6,0%. Ou seja, a curva de crescimento de preços descreve a trajetória esperada para o período.

Segundo a Confederação Nacional do Comércio de Bens, Serviços e Turismo (CNC), este ano as contratações temporárias devem crescer 10,0% em relação aos postos criados no ano passado, é o primeiro crescimento em dois anos. Os salários deverão crescer 7,1% em relação ao de 2016 para este tipo de vaga.

Este tipo de movimento, associado ao pagamento de décimo terceiro salário é o motor para aumento nas vendas no último trimestre do ano. E, população mais capitalizada é quase sempre igual a aumento de consumo de carne bovina.

Outro índice produzido pela CNC que vale a pena ficar de olho é de Intenção de Consumo das Famílias (ICF). Embora o desempenho de setembro seja 6,4% superior ao de doze meses atrás, o índice caiu 0,7% em relação a agosto e segue abaixo dos 100 pontos, o que segundo a Confederação indica uma percepção de insatisfação com a situação atual.

Ou seja, em resumo, é claro que a situação melhorou frente ao que se viu no último ano, mas é bom regular, ser comedido com as expectativas, principalmente para quem tem boi para vender no final do ano, já que o comportamento do mercado de carne é determinante para o preço da arroba do boi gordo.

### **Exportaciones de carne fresca de Brasil a los EE.UU. pueden reanudarse en octubre**

28 de setiembre de 2017La prohibición de exportar carne vacuna brasileña a Estados Unidos podría levantarse en octubre, dijo este martes el Ministerio de Ganadería, Agricultura y Abastecimiento de Brasil (MAPA). Luego de que EE.UU. termine su evaluación de la misión veterinaria a Brasil a principios de este año.

El fin de la prohibición se produce después de que Washington informó a Brasilia que permitiría que las exportaciones de carne termoprocesada de cinco plantas se reanuden, según el ministerio.

"Recibimos información de que se habilitó la carne procesada", dijo el ministro Blairo Maggi, según el comunicado. "Esperamos que muy pronto, también podremos habilitar la carne fresca".

Brasil exportó 15.769 toneladas de carne procesada a un valor de US\$ 150,7 millones a EE.UU. de enero a agosto según datos de Abiec.

Después de una reunión con el Secretario de Agricultura de los Estados Unidos, Sonny Perdue (poco después de que la prohibición entrara en vigor), Maggi había dicho que la misma podría ser levantada en 30 a 60 días, fechas que han pasado desde entonces.

Estados Unidos dijo anteriormente que no existe un calendario para levantar la prohibición.



## **ESTADOS UNIDOS: reabilitam plantas para exportar carnes processadas**

27/09/17 - por Equipe BeefPoint Autoridades sanitárias do Serviço de Segurança e Inspeção de Alimentos do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos comunicaram o Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) que o Brasil poderá restabelecer as exportações ao país de cinco frigoríficos para produção de carne termoprocessada.

As cinco unidades foram embargadas preventivamente pelo Ministério da Agricultura por problemas como rompimento de embalagens. A medida foi tomada com o objetivo de evitar eventual embargo total dessa exportação. O comunicado revertendo a situação foi enviado ao Mapa nessa segunda-feira (25).

Os produtos processados termicamente representam a maior parte da exportação de carne brasileira para os americanos. O Brasil possui 18 frigoríficos fornecedores dessa matéria prima.

Em evento em São Paulo, nesta terça-feira (26), o ministro Blairo Maggi (Agricultura) falou sobre a reabertura de mercado para os cinco frigoríficos, que são os principais exportadores para os EUA. Maggi lembrou que recentemente uma missão técnica norte-americana veio ao Brasil a convite do Mapa. A delegação dos EUA visitou várias plantas e conversou com técnicos do ministério e com pessoas da cadeia produtiva.

“Ontem mesmo, recebemos a informação de que a carne processada está liberada. Esperamos que, muito em breve, a gente consiga também liberar a carne in natura”.

O fim do embargo de cortes in natura deverá ocorrer depois que os americanos avaliarem documento enviado a eles, em resposta a questionamentos feitos por missão veterinária que esteve no país no primeiro semestre deste ano. A previsão é que isso ocorra em outubro.

## **IBGE: existencias ganaderas alcanzaron el récord de 218 mil cabezas en 2016**

29/09/17 - por Equipe BeefPoint Panorama da pecuária brasileira em 2016

Em 2016, o Produto Interno Bruto – PIB caiu 3,6%, e o valor adicionado da agropecuária teve retração de 6,6%, conforme indicaram as Contas Nacionais Trimestrais do IBGE. A retração na agropecuária foi ocasionada principalmente pela quebra na safra de grãos devido a problemas climáticos, afetando também os custos de produção das atividades da pecuária.

O efetivo de bovinos atingiu a marca recorde de 218,23 milhões de cabeças, porém houve nova redução no abate da espécie e queda nas exportações. A oferta de animais prontos para o abate e para reposição continuou restrita em função do grande abate de matrizes nos anos anteriores, elevando o preço da arroba e do bezerro.

A pecuária leiteira registrou nova queda do número de vacas ordenhadas e da produção de leite. A baixa oferta de leite no campo reduziu a captação pelas indústrias e impulsionou o preço do litro do produto pago ao produtor.

Apesar dos custos de produção em alta, os efetivos de galináceos e suínos apresentaram aumentos em relação ao ano anterior, alcançando também o recorde na série histórica do abate de frangos e suínos. As exportações de carne dessas espécies também foram maiores que em 2015. A maior demanda por carne de frango e suína refletiu a opção do consumidor por proteínas de origem animal mais em conta comparada à carne bovina.

Efetivos e produção pecuária Bovinos

Em 2016, o efetivo brasileiro de bovinos foi de 218,23 milhões de cabeças, representando um aumento de 1,4% em comparação com o ano anterior.

No Gráfico 1, pode-se observar a variação anual do efetivo de bovinos no período de 1985 a 2016. A última queda ocorreu em 2012 (-0,7%), ano em que a agropecuária passou por cenário desfavorável, principalmente em função das variações climáticas.

O Centro-Oeste continuou a liderar o plantel de bovinos entre as Grandes Regiões, com 34,4% do total nacional e crescimento de 3,3% em relação ao ano anterior. A presença de áreas favoráveis à criação extensiva, aliada à proximidade de grandes centros de produção de grãos e agroindústrias favorece tanto a criação de animais a pasto, como a instalação de confinamentos orientados para o período de engorda dos animais. A instalação de frigoríficos na região facilita o escoamento da produção de carne para outros estados e para a exportação. O Cartograma 1 ilustra a relação entre o efetivo e o abate de bovinos nas 27 Unidades da Federação.

A Região Norte registrou 47,98 milhões de cabeças de gado, o segundo maior efetivo do País, com variação positiva de 1,7% em relação a 2015. O Sudeste e o Sul apresentaram crescimentos no efetivo de, respectivamente, 0,8% e 0,5%, enquanto a Região Nordeste foi a única que sofreu redução (2,1%).

Mato Grosso foi o estado com o maior plantel bovino, abrigando 13,9% do total brasileiro. O estado registrou um somatório de 30,30 milhões de cabeças de gado, aumento de 3,2% em comparação com o ano anterior. Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso do Sul contribuíram, nesta ordem, com 10,8%, 10,5% e 10,0% do efetivo nacional.

Nos últimos anos, é possível observar um deslocamento da produção de bovinos para o Norte do País, o que se deve, em parte, aos baixos preços das terras, disponibilidade hídrica, clima favorável e abertura de





grandes plantas frigoríficas. Em contrapartida, tem-se verificado estagnação da bovinocultura de corte nas Regiões Sul e Sudeste, contribuindo para o deslocamento desta para as demais regiões (Gráfico 2).

Em nível municipal, os maiores efetivos estavam localizados em São Félix do Xingu (PA), Corumbá (MS), Ribas do Rio Pardo (MS), Cáceres (MT) e Marabá (PA). Dentre os 20 municípios com os maiores efetivos, 13 situavam-se no Centro-Oeste; seis no Norte; e um no Sul do País. Em 2016, 5 531 municípios apresentaram criação de bovinos.

Dados do Departamento de Agricultura dos Estados Unidos (United States Department of Agriculture – USDA) apontam o Brasil como o detentor do segundo maior efetivo de bovinos do mundo, sendo responsável por 22,2% do rebanho mundial, atrás apenas da Índia. O País foi também o segundo maior produtor de carne bovina, responsável por 15,4% da produção global. Os Estados Unidos (maior produtor mundial), o Brasil e a União Europeia, juntos, representaram quase metade de toda a carne produzida no mundo em 2016.

De acordo com o Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços, em 2016 as exportações de carne bovina brasileira in natura somaram 1,08 milhão de toneladas com um valor de R\$ 4,35 bilhões, representando queda de 0,1% em volume e 6,7% em faturamento.

**Bubalinos**

Em 2016, o efetivo brasileiro de bubalinos foi de 1,37 milhão de cabeças, se mantendo estável em relação ao ano anterior.

A Região Norte concentrou 66,2% da criação de búfalos nacional, enquanto o restante do efetivo ficou distribuído entre as Regiões Sudeste (12,7%), Nordeste (9,5%), Sul (7,4%) e Centro-Oeste (4,4%).

O Pará foi responsável por 37,9% de todo o efetivo do País, seguido pelo Amapá (21,6%), representando juntos 89,9% do rebanho da Região Norte e 59,5% do rebanho nacional. Dos dez municípios com os maiores efetivos, seis estão no Pará e quatro no Amapá.

Em termos municipais, a primeira posição ficou novamente com o Município de Chaves (PA), com 160,85 mil animais, seguido por Cutias (AP) e Soure (PA). No total, 2 735 municípios apresentaram criação de bubalinos em 2016.

### **Rio Grande do Sul podría anticipar su declaración de zona libre de aftosa SIN VACUNACIÓN**

28/09/17 - por Equipe BeefPoint

O Rio Grande do Sul poderá antecipar para 2019 sua declaração de área livre de febre aftosa sem vacinação. A decisão de acelerar o processo foi tomada nessa terça-feira, em reunião do vice-governador José Paulo Cairolí com representantes de entidades, indústrias e produtores de proteína animal.

Segundo o secretário da Agricultura, Ernani Polo, o Estado encaminha nos próximos dias ao Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa) a solicitação de uma auditoria nos serviços de controle da doença, a exemplo do que já foi pedido pelo Paraná, com processo marcado para janeiro de 2018.

Polo afirmou que com a auditoria é possível antecipar em dois anos a retirada da vacina, que estava prevista no plano do Mapa para 2021.

O presidente do Fundo de Desenvolvimento e Defesa Sanitária Animal (Fundesa), Rogério Kerber, destacou que o pedido de antecipação tem efeitos imediatos nas cadeias produtivas. “Vai renovar ânimos e aumentar a disposição do setor com a visualização de novos mercados”, comentou.

Fonte: Correio do Povo, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

### **Ministerio de Agricultura publicó concurso para incorporar 300 veterinarios**

27/09/17 - por Equipe BeefPoint Foi publicado nesta terça-feira (26) o edital para a realização de concurso público destinado à contratação de 300 médicos veterinários para o cargo de auditor fiscal federal agropecuário (AFFA), no Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (Mapa).

A organização do concurso está a cargo da Escola de Administração Fazendária (Esaf) e, o edital, de número 59, pode ser acessado no endereço [www.esaf.fazenda.gov.br](http://www.esaf.fazenda.gov.br). Os candidatos deverão ter concluído o curso de medicina veterinária e terem registro ativo nos conselhos regional ou federal da categoria (CRMV e CFMV, respectivamente).

As inscrições deverão ser feitas no período de 02 a 16 de outubro somente pela internet. A taxa de inscrição é de R\$ 120. A prova objetiva, composta por 70 questões, terá valor de 120 pontos e será realizada em 26 de novembro. A prova de títulos valerá no máximo dois pontos. A prova discursiva (redação) terá peso de 100 pontos.

O resultado do concurso será divulgado no Diário Oficial da União. O salário inicial dos auditores fiscais será de R\$ 14.584,71 e a jornada de trabalho, de 40 horas semanais.

As vagas são divididas da seguinte maneira: 225 para ampla concorrência; 15 para pessoas com deficiência e 60 destinadas à cota para pessoas negras, conforme prevê a lei 12.990/14.

As provas serão realizadas nos 26 estados do país e no Distrito Federal.



## **Mapa estableció procedimientos para la comercialización de productos veterinarios**

25/09/17 - por Equipe BeefPoint

O Ministério da Agricultura, Pecuária e do Abastecimento (Mapa) publicou instrução normativa estabelecendo novos procedimentos para a comercialização das substâncias sujeitas a controle especial quando destinadas ao uso veterinário e dos produtos de uso veterinário que as contenham.

A Instrução Normativa (IN) nº 35, publicada no Diário Oficial da União (DOU) dessa quinta-feira (21) é válida para todo estabelecimento que fabrique, armazene, comercialize, manipule, distribua, importe e exporte produtos de uso veterinário, bem como aos médicos veterinários que os prescrevam ou os utilizam no exercício da profissão.

Na lista de controle, foram introduzidas substâncias importantes do ponto de vista de saúde pública e retiradas as que não apresentam risco que justifique a sua manutenção na categoria de controlados.

Atualmente, há 617 estabelecimentos registrados no Departamento de Fiscalização de Insumos Pecuários (Dfip). Do total, 331 de são fabricantes; 141, importadores; e 145, farmácias de manipulação. Em 2015, o órgão concedeu 192 licenças. No ano passado, foram 82 e este ano, até agosto, 123.

## **Abiec organizó una misión comercial a CHINA**

Fonte: Abiec, adaptada pela Equipe BeefPoint. 29/09/17 - por Equipe BeefPoint

Para reforçar o posicionamento do Brasil como um parceiro sólido no comércio internacional de carne bovina para países asiáticos e de outras regiões do mundo, a Associação Brasileira da Indústria Exportadora de Carne (Abiec) participou da China International Food, Meat and Aquatic Products Exhibition (FMA 2017), realizada em Cantão, capital da província chinesa de Guangzhou, entre os dias 19 e 21 de setembro.

A ação faz parte do projeto setorial Brazilian Beef, desenvolvido em parceria entre a ABIEC e a Agência Brasileira de Promoção de Exportações e Investimentos (Apex-Brasil).

Além de estreitar o relacionamento comercial com autoridades, empresários e outros públicos estratégicos para ampliar a presença brasileira no mercado global, a entidade também participou da terceira edição do International Import & Export Food Policy, Laws and Regulation Summit, seminário que ocorreu um dia antes à abertura da feira e que teve como principal objetivo discutir questões legislativas ligadas às exportações de proteína animal em âmbito mundial.

A ocasião reuniu representantes de associações industriais de países como China, EUA, Alemanha, França, Dinamarca, Espanha, Japão, Coreia do Sul, Tailândia, Austrália e Nova Zelândia.

Ainda durante o seminário, a ABIEC realizou encontros com membros de órgãos regulatórios e governamentais da China, como AQSIQ (Administration of Quality Supervision, Inspection and Quarantine), CIQA (China Entry-Exit Inspection and Quarantine Association) e da CNCA (Certification and Accreditation Administration).

Nas reuniões, brasileiros e chineses puderam compartilhar experiências a fim de aprimorar as relações bilaterais e contribuir com o desenvolvimento do comércio internacional em diferentes setores da economia, discutindo processos de fiscalização, entre outros temas de interesse de toda a cadeia produtiva e exportadora.

Exportações para a China

O Brasil é o maior fornecedor de carne bovina para a China, que ocupa o segundo lugar no ranking de países e regiões importadoras de carne bovina brasileira (considerando o faturamento obtido com as negociações). Entre janeiro e agosto deste ano, os chineses importaram mais de US\$ 551 milhões, resultado obtido após o embarque de 129.065 toneladas do produto.

## **URUGUAY**

### **Los pagos por la hacienda gorda están mejorando.**

Por los mejores novillos se llega a pagos máximos de US\$ 3,10 por kilo

Septiembre 27, 2017 En la reposición la demanda supera ampliamente a la oferta

Por novillos gordos, con buena terminación, se están cerrando negocios en estos días entre la industria y los productores con precios en el eje de los US\$ 3,05 a US\$ 3,07 por kilo en cuarta balanza, con algunos negocios puntuales que pueden llegar a US\$ 3,10.

Eso, explicó a El Observador el rematador Federico Rodríguez dos Santos, sucede en un escenario en el que hay "poca oferta", con verdeos "demorados" y praderas "algo atrasadas" por los temporales que hubo, con ganados que en el caso de los verdeos "rebajaron" porque las comidas tuvieron problemas por el exceso de agua. "Pero sin duda hay una flecha hacia arriba en los valores", acotó.

En relación a la reposición, el empresario comentó que "sigue con poca oferta, la demanda está superando ampliamente a la oferta, dinamizado eso por cómo está el clima, por una buena oferta de pasturas y por una primavera que ya se está instalando".



En el caso de los ovinos, hay también un panorama de poca oferta desde el sector productor, con demanda para animales de todas las categorías, para la cría y el abasto.

En el caso del cordero pesado "hay valores muy estables" que se aproximan en la actualidad a los US\$ 3,50 por kilo.

Las cifras

US\$ 1.110 es el valor del novillo tipo, según actualizó el Instituto Nacional de Carnes.

US\$ 862 corresponden al valor de la hacienda.

US\$ 248 corresponden al valor de la operativa industrial.

### **El precio del ternero superó los US\$ 2,30/kg de promedio**

Septiembre 29, 2017 El valor en la reposición sigue imparables, con una fuerza tan importante como la de las pasturas

El precio del ternero se despegó este jueves en Pantalla Uruguay, impulsado por la exportación en pie y la demanda interna por la reposición. Con la primavera ya instalada, los terneros en general promediaron US\$ 2,31, el mayor valor desde febrero de 2014 y seis centavos arriba del promedio del remate de agosto. Son datos no menores en vísperas del arranque oficial de la zafra de reproductores.

El récord fue para un lote de 74 terneros de menos de 140 kilos, que se comercializó a 3,01 por kilo, un precio que deja una brecha mínima, de pocos centavos, si se compara con los precios que se están manejando para el novillo gordo. La ternera de menos de 140 kilos promedió US\$ 2,65. Los lotes entre 140 y 180 kilos hicieron un promedio de US\$ 2,27 y los de más de 180 kilos hicieron US\$ 2,11.

Por ascensor y por escalera

Mientras el ternero sube por ascensor, el ganado gordo lo hace por escalera. El repunte de novillos y vacas que se alcanzó la semana pasada se consolidó en los últimos días, con mayor demanda y suba de valores para la vaca.

En el novillo gordo el mercado está más equilibrado. Los negocios se ubican en el entorno de US\$ 3,05/kg carcasa y se puede lograr en casos muy puntuales, de ganados especiales, de volumen y con poco flete, hasta US\$ 3,10. Son excepciones y no marcan una tendencia marcada de suba, subrayó un consignatario consultado.

La vaca pesada sigue más demandada por la industria, con negocios que promedian US\$ 2,85 y que pueden alcanzar US\$ 2,97 para ganados especiales, bien terminados, incluso algún centavo más. Por vaquillonas especiales hubo negocios por US\$ 2,97.

Las industrias tienen diferente dinamismo en las compras, con entradas a planta dispares, de entre una semana y 15 días.

La oferta sigue escasa, aunque empieza a aparecer gradualmente. La disponibilidad de ganados especiales se ha visto demorada en algunos casos por falta de piso en verdeos, por exceso de lluvias y, en otros, porque los productores optan por seguir "metiendo kilos" a los ganados, ayudados por una primavera excepcional.

Para las próximas semanas se estima que el mercado fluctuará en valores similares a los actuales, sin subas drásticas, de la mano de una oferta que irá aumentando gradualmente y un posible mayor interés de la industria cuando lleguen las cuadrillas kosher, previsto para mediados de octubre.

La faena de vacunos alcanzó las 41.401 cabezas en la semana cerrada al 23 de setiembre. El aumento fue de 5% respecto a la semana anterior y apenas superior a igual semana de 2016 cuando se faenaron 41.393 cabezas.

Según las cifras del INAC, se faenaron 22.557 novillos con una participación del 54,5% del total. En vacas fueron 18.126 animales faenados, representando el 43,8% del total, el porcentaje más bajo de vacas desde junio.

Firmeza en la exportación

Aunque no alcanzó el promedio de la semana anterior, el precio de exportación de la carne vacuna mantuvo la firmeza y parece superar persistentemente la referencia de los US\$ 3.400 por tonelada. En la semana cerrada el 17 de setiembre la tonelada se ubicó en US\$ 3.568, un 6% por debajo de los US\$ 3.807 de la semana anterior, que había sido el promedio más alto desde mayo del 2016. En las cuatro últimas semanas móviles la tonelada promedió US\$ 3.651, el segundo valor más alto desde junio del año pasado. En lo que va del año el promedio de exportación de carne vacuna es de US\$ 3.422, apenas arriba de los US\$ 3.413 de igual período de 2016.

En el caso de la carne ovina, el dato semanal mostró un ajuste a la baja más fuerte. El precio promedio de la tonelada exportada se ubicó en US\$ 4.088, un 15% por debajo de los US\$ 4.812 en la semana anterior. En las últimas cuatro semanas móviles la tonelada promedió US\$ 4.308.

Se consolidó la firmeza en todo el rango de los vacunos y parece ratificarse una mejora tanto en el precio al que Uruguay coloca como una confirmación de las buenas señales que la cría ha recibido desde marzo en adelante.





### **Existencias de ganado bovino bajaron 1,2%**

Septiembre 29, 2017 Según Declaración Jurada Anual de Dicose el stock sumó 11,732 millones de cabezas

Las existencias de ganado bovino cayeron en 1,2% con relación a la declaración jurada anual de Dicose de 2016, al registrarse una cifra de 11,732 millones de cabezas, lo que representa una caída de 143.949 animales.

Las categorías que registraron una mayor caída fueron las de novillos de 2 a 3 años en un 9,9% y los novillos de 1 a 2 años en 9,3%.

La categoría con mayor incremento fue la de vacas de cría entoradas en 2,9%

Los terneros y terneras aumentaron 1% (27.028 cabezas).

Por su parte las existencias ovinas registraron un aumento de 1,7%, al subir el stock de 6,452 millones a 6,561 millones de cabezas.

El mayor aumento se registró en la categoría de corderas diente de leche con un 8,3% (833 mil animales).

### **SINGAPUR abre canal para valorizar cortes vacunos falta resolver certificación halal**

26/09/2017 - La Agri-food and Veterinary Authority (AVA) de Singapur rehabilitó los 11 frigoríficos uruguayos que tenían permiso para exportar desde 2009 y a su vez, la Dirección General de Servicios Ganaderos (MGAP) hizo gestiones para habilitar otras plantas que son las que ya están admitidas en mercados exigentes, según confirmó a El País una fuente de la secretaría de Estado.

El pasado domingo, el ministro interino de Ganadería, Agricultura y Pesca, Enzo Benech anunció la reapertura de ese país del sudeste asiático para carne bovina y ovina con hueso; sería la primera vez que Singapur admite ovinos de un país de Sudamérica y una oportunidad para valorizar la producción en cortes caros.

El mercado todavía no está operativo pues aún falta el certificado sanitario, pero el desafío mayor para Uruguay será conseguir la certificación halal (faena bajo rito musulmán) de las instituciones reconocidas por el Consejo de Ulamas de Singapur (MUIS), que es el organismo del estado que garantiza los derechos de la comunidad musulmana y que permite todos los productos aptos para esa comunidad. El mercado halal de Singapur está representado por el 15% de alrededor de 5 millones de personas y va en crecimiento, pero lo más importante es que Singapur es la puerta de entrada para China, otros nichos del sudeste asiático y Australia.

La habilitación de Singapur “es una buena oportunidad para Uruguay, principalmente para lo que son los cortes bovinos del trasero (bola de lomo, nalga, pesceto, etc.) y los cortes finos. Este destino compra mucho esa mercadería desde Brasil y Uruguay podría competir con ese tipo de producto”, afirmó a El País el broker Juan Galimberti, principal de Food Forward, empresa que ya atiende ese mercado desde Brasil.

“En caso de los delanteros bovinos y los recortes (trimming), que también Singapur compra de Brasil, se los lleva de los frigoríficos que no tenían habilitación para Rusia o China y el precio está como US\$ 200 o US\$ 300 más abajo que el valor que hay hoy de Uruguay para Rusia o China”, explicó el operador.

En cuanto al set de cortes finos que tiene por destino el segmento de restaurantes, hoteles y cruceros, Galimberti destacó que Singapur “es uno de los mercados que muestra crecimiento para los cortes finos, principalmente para los de valor agregado, los que tienen especialidad como la carne con marca o el porcionado”.

Ovinos. Respecto a la carne ovina, el operador afirmó que “hay que seguir el ejemplo de Australia y Nueva Zelanda que mandan por avión cortes finos para los restaurantes. Son pocos kilos para venta directa para importadores que tienen sus propios restaurantes o tienen un listado de restaurantes para vender ese tipo de mercadería”, destacó.

El director de Food Forward insistió en que Singapur es un mercado para la valorización del ovino. “Está lleno de hoteles y tiene mucho turismo, pero también hay supermercados para productos de alto valor agregado, orgánicos o naturales. En esos supermercados también hay muchos productos como carne con marca y ahí es donde Uruguay puede meterse y competir”, explicó.

Certificación. El cuello de botella para Uruguay es lograr la certificación halal de los centros islámicos aprobados por el MUIS, porque esas son las certificaciones aceptadas por los restaurantes, supermercados especializados y los centros de Singapur. Galimberti reconoció que “ese tipo de certificación no existe en Uruguay, porque no hay una institución certificadora islámica reconocida por Singapur. Lo poco que se puede exportar con el tipo de Halal que tiene Uruguay es muy limitado, es apenas para el 5% del mercado, pero no se accede con esa certificación a los destinos más interesantes”.

La certificación de la faena ritual “es el gran problema que hemos visto últimamente. Si Uruguay llega a resolver eso podrá entrar en otros países del sudeste asiático como Indonesia, Malasia y Filipinas”, dijo Galimberti.



Por otra parte, Singapur no tiene cupos para la exportación de carne vacuna u ovina pero si barreras arancelarias, explicó el CEO de Marfrig para el Cono Sur, Marcelo Secco. El empresario comentó que los aranceles son “superiores a las de China pero están por debajo a las de Corea que son del 40%”. De todas maneras, Secco entiende necesario conocer el certificado sanitario para evaluar con mayor facilidad las oportunidades del mercado.

### **MGAP prepara los detalles para la auditoría de Japón**

25/09/2017 Vendrá un subcomité técnico del 17 al 20 de octubre.

El Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca continúa afinando el cronograma para atender los requerimientos de la misión técnica de Japón, que se cumplirá entre el 17 y el 20 de octubre próximo.

La nueva misión estará conformada por un subcomité de expertos que recorrerá una planta frigorífica, una oficina departamental del Ministerio de Ganadería, Agricultura y Pesca para revisar documentación vinculada con el control de la sanidad y las certificaciones, pero también llegarán a revisar un establecimiento dedicado a la ganadería, para ver la forma en que se produce carne bovina en Uruguay.

Todos esos datos ayudarán a que las autoridades sanitarias niponas evalúen más a fondo la situación de Uruguay, donde no hay casos de fiebre aftosa, ni circulación viral desde hace 16 años, pues la última epidemia de fiebre aftosa fue en 2001.

Más allá de que los técnicos revisen y requieran información sobre las condiciones de procesamiento de la carne en la industria frigorífica, sobre los controles sanitarios y las certificaciones de la Dirección General de Servicios Ganaderos y sobre la producción de bovinos para su posterior faena, los servicios sanitarios oficiales podrán aportar información adicional si es requerida para que se termine de conformar el “análisis de riesgo”, paso previo a la decisión política de habilitación final.

El proceso para la habilitación de Japón, en este caso para carne vacuna fresca, desosada y madurada, está muy adelantado y llevar varios pasos, al igual que sucedió con Corea del Sur, otro de los mercados con altas exigencias donde las carnes bovinas uruguayas, desosadas y maduras, están admitidas.

La visita de una nueva auditoría de Japón fue anunciada el mes pasado por las autoridades del MGAP, que son optimistas en lograr la habilitación final en el corto plazo.

Hasta ahora Uruguay sólo está habilitado para entrar con productos termo procesados y carne vacuna cocida en el mercado nipón, dejando atrás los años de bonanza donde los importadores de ese país se llevaban productos como algunos músculos del pecho del bovino, por los que pagaban buenos valores. La diferencia es que, hasta el 2000, Uruguay fue reconocido por el mundo como libre de fiebre aftosa sin vacunación, lo que posibilitaba exportar otros subproductos, además de carne, que valorizan la res entera que procesa el frigorífico.

Ahora, a partir de la habilitación, la industria tendrá que volver a armarse el mercado según los requerimientos de los importadores, pero la gran esperanza está dada en que Japón pueda acaparar varios cortes de alta calidad procedentes de ganado terminado a granos, pues sus consumidores — además del turismo de elite— están acostumbrados a un grado de grasa intramuscular alto.

### **La carne uruguaya se juega mucho en Anuga 2017**

24/09/2017 Van 30 frigoríficos y operadores a la feria más grande de UE.

El complejo cárnico uruguayo se prepara para tomarle el pulso al mercado europeo en Anuga 2017, la feria de alimentación —junto con SIAL París— más importante del viejo continente.

Con el apoyo del Instituto Nacional de Carnes (INAC), serán 30 los frigoríficos que participarán en la feria, así como diversos “traders” o intermediarios, que estarán presentes en un pabellón de 600 metros cuadrados distribuidos en dos plantas. A nivel oficial, la delegación del INAC estará integrada por el presidente, Federico Stanham y los delegados de la Junta Directiva por productores e industriales, Guillermo Villa y Eduardo Urgal, respectivamente. Acompaña además el equipo de marketing del INAC.

Como ya es tradicional, también en Alemania, durante los días de la feria se harán degustaciones de carne bovina que incluyen cortes de alto valor como lomo y bife ancho. También se promocionará la carne, ya que Alemania es el principal portal de entrada a Europa. Se harán algunas actividades gastronómicas impulsadas por el chef alemán Johann Lafr, en el marco de una recepción para clientes, formadores de opinión y periodistas alemanes.

Acompañando las acciones de marketing en la feria, INAC ha instalado en las cercanías del predio de la exposición, varios billboard con mensajes dirigidos al consumidor alemán.

El CEO de Marfrig para el Cono Sur, Marcelo Secco, dijo a El País que el mercado de la Unión Europea siempre es una gran referencia; es que ahí van los cortes de mayor valor y Uruguay tiene dos cuotas: la Hilton —para carne producida a pasto— y la 481, para carne de alta calidad terminada a granos durante los últimos 100 días previos al engorde.



Secco, que además es presidente de la Asociación de la Industria Frigorífica (Adifu), reconoció que Anuga representa una oportunidad para “repasar” la operativa de exportación con los clientes.

El industrial recordó que hoy “se vive un momento del euro sostenido, pero nos está pasando que todo lo que ha subido el euro no lo hemos podido capturar en valor. Queremos trabajar y analizar eso con los clientes, porque se nota que el mercado no está fácil para ellos tampoco. Ese es un poco el ejercicio de verse cara a cara e intentar explicar qué es lo que está pasando en el mercado, ver cómo están actuando los competidores y sobre eso intentar sacar una conclusión”.

El mercado europeo es tan importante que en la semana del 10 al 16 de septiembre, el incremento de los envíos de carne vacuna uruguaya a la Unión Europea en el marco de la cuota 481 hizo subir, puntualmente, el precio promedio por tonelada a US\$ 3.906, acercándolo al récord de US\$ 4.000 de años atrás.

Para que llegue dentro del nuevo trimestre, la industria frigorífica uruguaya se ve obligada a cargar los embarques de carne vacuna de alta calidad para el cupo 481 en septiembre. Así, esos contenedores pueden salir de las Aduanas europeas en octubre. De este modo, no habría tanto peligro de que esa carne enviada al viejo continente no entre dentro del nuevo trimestre, esa operativa de embarques limita el trabajo regular de la industria.

## **PARAGUAY**

### **Paraguay llevará carne y parrilla a feria alemana**

27/09/17 Por primera vez la carne paraguaya, tanto bovina como porcina y aviar, será degustada en la feria de Anuga, la mayor de su tipo en alimentos y bebidas a nivel mundial, que se celebrará del 7 al 11 de octubre próximo en Colonia, Alemania.

La Cámara Paraguaya de Carnes (CPC) participará de esa feria con un stand, en donde estarán instaladas cocina y parrilla. “Este año va a ser especial porque es la primera vez que en el stand se tendrá una parrilla en la cual vamos a cocinar las carnes nacionales tanto de cerdo, y pollo como carne bovina”, expresó ayer Juan Carlos Pettengill, presidente de la CPC, en conferencia de prensa, junto a directivos de este gremio.

Como parte de la participación, el domingo 8 la CPC ofrecerá un brindis con presencia de autoridades paraguayas y unos 100 importadores de carne invitados. “Es el evento de marketing más importante que hace la Cámara este año, donde el costo de toda la actividad supera los 250.000 dólares, en 100% solventado por la Cámara, pero estamos muy contentos porque creemos que es el camino que hay que seguir para ir degustando, promocionando y expandiendo el conocimiento de la carne paraguaya”, dijo Pettengill.

En cuanto a la expectativa de la industria cárnica para esa feria, dijeron que esperan aumentar las exportaciones a países de Europa, que en 2016 importaron 6.000 toneladas de carne paraguaya y este año “esperamos que llegue a las 7.000 con suerte”.

Pettengill manifestó también la preocupación del gremio sobre el poco crecimiento del hato ganadero. Indicó que el índice de nacimiento bovino es del 42%, cifra considerada muy baja comparado con países de la región. “Si ese número pudiésemos elevar a 50% nomás, estaríamos hablando de casi 2.300.000 cabezas faenadas en el año”, señaló. En la actualidad el número de faena no supera los dos millones de cabezas, apuntó.

Además de industrias cárnicas, más de 20 empresas y organizaciones de nuestro país están inscriptas en la feria de alimentos Anuga con la intención de concretar negocios con firmas de ese país y de otros mercados del mundo que concurran a esa importante feria.

## **UNIÓN EUROPEA**

### **Entidades de productores sostienen que el tratado con Mercosur pone en riesgo el sector de carnes bovinas**

25 September 2017 - IFA President Joe Healy and National Livestock Chairman Angus Woods met the EU Commissioner for Agriculture Phil Hogan at the National Ploughing Championships last week to outline IFA's strong opposition to any offer on beef which would increase access in the EU/Mercosur trade negotiations.

Mr Healy said with Brexit uncertainty and the Brazilian meat scandal, now is not the time to make concessions to South America.

Mr Healy said the word from Brussels is that an EU offer on Mercosur to include beef is imminent.

"We met the Agriculture Minister Michael Creed here yesterday and pointed out to him that this poses a very serious threat to our €2.5bn beef sector, and particularly our quality suckler cow herd."

IFA National Livestock Chairman Angus Woods said the uncertainty caused by Brexit on the sterling exchange rate is very severe and having a direct impact on farmers through lower cattle prices.



IFA is very strong that there can be no increase in import volumes or additional tariff rate quotas in any new offer in the Mercosur trade negotiations.

The EU cannot make any new offer which will damage the EU beef sector by allowing the South Americans to cherry pick the high price EU steak market.

Mr Woods said it is incredible to think that the EU is considering an offer on beef in Mercosur with Brexit up in the air and arrests over the Brazilian meat scandal.

He said the Mercosur countries already have very favourable access to the European market with up to 74 per cent of all EU beef imports amounting to 246,000t (carcase weight equivalent) every year.

IFA pointed out the damage that could be inflicted on both the Irish and EU beef sector from a bad Mercosur deal.

The EU's own Impact Assessment shows that a Mercosur deal is bad and will damage the European beef sector.

"There is no room in the EU beef sector for additional imports or concessions to Mercosur. EU beef consumption is down over 20 per cent in the last decade.

"Concessions in Mercosur will have a devastating impact on farmers, our quality suckler cow herd and lead to job losses in rural areas," he said.

TheCattleSite News Desk

### ***Where's the Beef? EU at Odds Over Farm Trade Offer to Mercosur***

Reuters Sept. 29, 2017, By Robert-Jan Bartunek and Philip Blenkinsop

BRUSSELS (Reuters) - European Union countries are struggling to agree on how much beef they should in future let in from South American bloc Mercosur, threatening to derail trade talks that the two aim to conclude by the end of this year.

The talks between the two blocs, which started in 1999, have ground to a halt before but both sides have committed to reach an initial deal in 2017, with steady progress since discussions resumed last year.

The European Commission, which negotiates on behalf of the 28 EU nations, had proposed including beef and ethanol in an offer to Mercosur in 2016, including a tariff-free 78,000-ton annual allotment of beef.

However, both were removed because they were deemed too sensitive for beef-producing EU countries such as France and Ireland.

The Mercosur countries of Argentina, Brazil, Paraguay and Uruguay have said an offer without beef in particular cannot lead to a deal. The expectation was quotas would be added in for beef and ethanol in a new offer presented at talks in Brazil next week.

After delays earlier this week, a meeting of EU trade representatives was held on Thursday and Friday but there was no sign of a breakthrough, EU sources said.

The EU recently completed trade agreements with Canada and Japan, and hopes for a deal with Mexico as well as Mercosur.

However, the prospect of allowing tariff-free quotas for some of the world's largest producers of beef and sugar, which is turned into ethanol, has rattled some EU members.

A group of 11 countries led by France and Ireland have proposed postponing the offer, saying they were particularly vulnerable to imports of beef, ethanol, sugar and poultry.

The countries said that before making an offer the cumulative impact of past and future trade deals on the agricultural sector should be assessed and safeguard mechanisms put in place.

"I'm very much in favor of a trade deal with Mercosur, but I would like to see standards protected and our beef farmers protected as well," Irish Prime Minister Leo Varadkar told reporters at a summit of EU leaders in Estonia on Friday.

Gaining access to public contracts in the Mercosur bloc, a market worth some 150 billion euros (\$177 billion) in Brazil alone, is seen as an unmissable prize by others.

Germany, Italy, Spain and five other countries wrote to the European Commission urging it to make a good offer to Mercosur, according to a letter seen by Reuters. "Any positive gesture from the EU could prove decisive for encouraging Mercosur to put together a more generous offer," the countries said.

### ***Protecionismo agrícola na Europa ameaça acordo com Mercosul***

29/09/17 - por Equipe BeefPoint Países da União Europeia (UE) liderados por França e Irlanda propuseram adiar uma oferta de comércio agrícola ao Mercosul até que as regras sejam acordadas para se evitar uma concorrência desleal, disseram diplomatas na quinta-feira (28), criando um potencial obstáculo para o acordo.

Em uma carta à Comissão Europeia, os países disseram ser particularmente vulneráveis às importações de etanol, açúcar e carnes bovina e de frango do Mercosul, e afirmaram que uma oferta da UE relacionada a cotas de importação seria "inoportuna" até que um "campo de jogo nivelado" possa ser alcançado.





A oferta agrícola da UE deveria ser entregue na próxima semana durante negociações em Brasília. A resolução das diferenças em relação à agricultura é crucial se os dois lados quiserem chegar a um acordo político até o fim do ano, que é o objetivo do Mercosul.

A carta que pede o adiamento da oferta foi assinada por Áustria, Bélgica, França, Hungria, Irlanda, Lituânia, Luxemburgo, Romênia, Polônia, Eslováquia e Eslovênia.

Uma carta em resposta que pressiona a UE a fazer uma oferta agrícola na próxima semana foi assinada na quinta-feira por Alemanha, Itália, Reino Unido, Dinamarca, Suécia, Espanha, Portugal e República Tcheca, disse um diplomata europeu em Brasília.

Rodadas anteriores de negociações deixaram de discutir as importações de carne, açúcar e etanol do Mercosul, mas Brasil e Argentina não assinariam nenhum acordo caso esses itens não estivessem incluídos.

Fonte: Reuters, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.

### **TLC entre Canadá y la Unión Europea achicó capacidad de la cuota 481**

26/09/2017 - Redujo la cuota en 3.200 toneladas anuales (800 toneladas trimestrales).

Tal como estaba previsto, en las últimas horas se confirmó un ajuste en la cantidad de toneladas disponibles en la cuota 481 que comenzará a regir en octubre, debido a la firma de un Tratado de Libre Comercio entre Canadá y la Unión Europea (UE) que le otorga al país norteamericano un cupo de 50.000 toneladas y elimina el resto de los contingentes arancelarios que contaba con el bloque europeo.

Rafael Tardáguila, director de Faxcarne, explicó que los parlamentos de los países de Europa “aprobaron en su totalidad el acuerdo” que comenzará a regir en octubre de 2017. Además, la Comisión Europea, que se encarga de gestionar el contingente, informó que a partir de este último trimestre del año el cupo disponible será de 11.161 toneladas trimestrales y no de 12.050 como ha sido la operativa habitual.

La cuota 481 es un cupo de 48.200 toneladas de carne vacuna de alta calidad, destinado a vacunos cuyos últimos 100 días previos a la faena hayan sido terminados en base a granos, que la Unión Europea otorgó a Estados Unidos (45.000 toneladas) y Canadá (3.200) como recompensa ante la prohibición del ingreso de carne bovina con hormonas. Posteriormente se abrió para terceros países y Uruguay logró ingresar.

El analista de mercados dijo que para llegar a 11.161 toneladas trimestrales (44.644 toneladas en el año agrícola) se quitaron 800 toneladas trimestrales de la cuota de Canadá. También se eliminaron 89 toneladas que fueron asignadas para el primer trimestre del ejercicio.

## **ESTADOS UNIDOS**

### **Demanda absorbe incremento de la oferta**

By Glenn Selk, Oklahoma State University Extension September 27, 2017 The September USDA Cattle on Feed report pegs the September 1 feedlot inventory at 10.504 million head, 103.6 percent of last year. August placements were 102.6 percent of year ago levels. Placements were larger than expected and may well provoke a bearish market response. What may be overlooked are the continued strong marketings pace. August marketings were close to pre-report expectations at 105.9 percent of last year. Marketings outpaced placements in August and pulled down the year over year increase in feedlot inventories, though not as much as expected. For the first eight months of the year, total placements are up 1.16 million head, an 8.4 percent year over year increase. However, total marketings were up 0.847 million head, 6.1 percent more than last year and largely offsetting the increased placements. As a result the September 1 on-feed inventory was up a modest 369 thousand head year over year.

Higher feedlot throughput is reflected in the year to date increase in steer and heifer slaughter, up 5.9 percent year over year. Steer slaughter is up 3.3 percent while heifer slaughter is up 11.7 percent for the year to date. Additionally, beef cow slaughter is up 11.3 percent so far this year and rising dairy cow slaughter is up 3.9 percent for the year to date. Total bull slaughter is also up 13.1 percent year over year.

Offsetting increased cattle slaughter are lighter carcass weights. While steer and heifer carcass weights are increasing seasonally, they remain below year earlier levels. In the most recent data, steer carcasses were 896 pounds, 7 pounds below one year earlier; heifer carcasses were 816 pounds, down 5 pounds from the same date last year. For the year to date, steers carcasses have averaged 14.1 pounds lower than last year while heifer carcasses are 12.3 pounds lighter.

Total beef production for the first 36 weeks of the year is up 4.5 percent year over year. Annual beef production is projected at 26.3 billion pounds, up 4.4 percent year over year. Domestic beef consumption is projected at 56.6 pounds per capita, up 2.2 percent year over year. Despite the increase in domestic beef consumption, retail beef prices remain strong. August Choice beef price was \$5.94/lb., down from \$6.10/lb. in July but nearly one percent higher than August last year. The all-fresh beef retail price was \$5.794/lb. in August, fractionally higher than one year ago.



Beef production is expected to increase again in 2018, currently projected at 27.4 billion pounds. This would be a record level of U.S. beef production, exceeding the previous high of 2002 with 27.0 billion pounds. Increased beef production, combined with other meats, is projected to surpass 101 billion pounds of total meat production in 2018, a new record as well. Clearly the supply challenges will continue for the foreseeable future. However, 2017 has demonstrated very well that strong domestic and international demand for U.S. beef can mitigate much of the price pressure from growing beef production. Continued strong beef demand can limit 2018 cattle and beef price changes to modest declines.

### **Exportaciones de carnes mantienen tendencia positiva**

27 September 2017 US - Combined production of beef, pork, chicken and turkey in August was estimated by USDA to be 8.962 billion pounds, 318 million pounds (+3.7 per cent) higher than a year ago and the largest amount of meat protein produced in a given month, according to Steiner Consulting Group, DLR Division, Inc.

More production days (23) certainly contributed to the increase in monthly output and when we adjust for production on a daily basis there have been a number of other months, particularly last year, when output actually exceeded this year.

One also needs to recognize the fact that from a pricing perspective, the rate of change rather than the absolute volume tends to be more important. Markets need time to adjust to shifts in supply and sudden large shifts in output will lead to more dramatic price moves.

In the last quarter of 2016 the combined DAILY output of red meat and poultry increased by an average of 5.3 per cent. By comparison, in Q2 of this year daily average output increased by around 2 per cent and so far in Q3 daily production is increasing by 3.2 per cent.

As meat protein supplies continue to expand, market participants are paying close attention to the supply of meat in cold storage. Large production increases accompanied by a big increase in cold storage stocks may indicate that the market may be having trouble absorbing all the increase and product is backing up.

But as with much in this life, there are caveats. Sure production may be increasing but if exports are increasing as well, the rise in cold storage stocks may simply reflect more supply being staged in warehouses before it gets shipped out of the country.

The export component, therefore, is an important consideration and should be viewed in tandem with the cold storage data. The latest USDA cold storage report paints a somewhat mixed picture for the protein industry.

At the end of August, there were 2.491 billion pounds of red meat and poultry in cold storage (see bottom of this page), 45.2 million pounds (+1.8 per cent) more than a year ago. Inventories normally increase into early fall before end users start to deplete them to support holiday needs.

Beef, pork and chicken exports continue to trend above year ago levels and thus we do not see the level of increase in cold storage as particularly problematic. The larger stocks and expectations of continued supply increases in the coming months should help temper meat protein price inflation, however.

Boneless beef inventories rose rapidly in August. At 437.8 million pounds the boneless beef inventory increased by 10 per cent compared to the previous month when normally inventories get depleted.

We do not know exactly what kind of beef products are included in this boneless beef total but suspect that the sharp decline in fat beef trimmings may have pushed some of this product in cold storage.

Beef imports also increased in June and July and some of this product also may have added to the overall inventory stocks. Finally, the beef export pace remains quite strong, with August beef shipments up sharply from the previous year (15-20 per cent) and on track to increase some 8- 10 per cent in September.

Total pork inventories in cold storage at the end of August were 575.7 million pounds, 5.5 per cent less than the previous year and 2.1 per cent less than the five year average. While pork inventories rose 3.8 per cent compared to the previous month, this increase was generally in line with what we normally see during this time of year.

In the last five years ham inventories have increased by an average of 19 per cent from July to August. This year the increase was just 4 per cent. End users normally build ham inventories between May and September in order to support holiday demand.

However, with pork production expected to hit all-time record levels this fall, some end users may have opted to slow down some of their inventory build. We continue to see very robust pork export demand and the smaller inventories should be supportive of the pork market later into the year.

Turkey and chicken breast inventories are burdensome as consumer demand shifts towards wings/dark meat

### **Existencias en feedlots crecieron más de lo previsto**

By Reuters September 25, 2017 Ranchers placed 1.93 million cattle in U.S. feedlots in August, the U.S. Department of Agriculture said on Friday, in a stronger-than-expected report likely to weigh on futures early next week.



Cattle placements rose about 3 percent from August in 2016, USDA said. Analysts polled by Reuters had predicted a decline of nearly 3 percent.

The placements were the largest for August since 2012 and the largest overall since May of this year, when 2.119 million cattle moved into feedlots, according to USDA data.

"It means there's more beef ahead of us," said Linn Group analyst John Ginzel, who had predicted a placement spike of 104.3 percent when most other analysts anticipated a decline.

Cattle placed on feed in August should reach slaughter weight in the first quarter of 2017.

"It's a negative report ... and most negative for the February and April time slots," said U.S. Commodities analyst Don Roose.

Roose predicted Chicago Mercantile Exchange cattle futures would open 0.500 cent to 1.000 cent lower on Monday. CME October live cattle on Friday reached a roughly 1-1/2 month high, settling up 1.475 cents at 111.575 cents per pound, rising in part on expectations that the USDA data would be bullish.

USDA said a total of 10.5 million cattle were on feed as of Sept. 1, up 4 percent from a year ago. That also was more than pre-report estimates for 10.409 million cattle, or 102.7 percent of last year. Marketings of cattle in August totaled 1.98 million head, up 6 percent from a year ago but near forecasts for an increase of 5.8 percent.

In a separate monthly cold storage report, USDA said 476.26 million pounds of beef were in storage as of Aug. 31. That is up from 431.84 million pounds at the end of July and estimates from a few analysts for 426.5 million pounds.

### **Capacidad de la industria frigorífica tendría que ampliarse ante la mayor oferta prevista**

By Wyatt Bechtel September 27, 2017 A recent report indicates that cow herd expansion will continue, but there should be no need for additional beef packing capacity.

CoBank's Knowledge Exchange Division released the report saying herd expansion will rise another 3-5% in 2018 and 2019. Expansion in the past few years has been fueled by improved pasture conditions and continued profitability in beef production.

In the past three years expansion has been the most aggressive on record, says Trevor Amen, animal protein economist at CoBank.

"Recent slaughter numbers and the cattle on feed mix indicate the expansion rate is slowing, but barring any significant export market disruptions or weather events, expansion will continue through the end of the decade," Amen says.

Despite an increasing cow herd bringing more market ready cattle through the supply chain, slaughter capacity should remain sufficient.

"Plants will add additional slaughter hours to manage the extra supply through 2019," Amen says. "The biggest potential concerns as the industry drifts closer to maximum packing capacity are labor availability and temporary plant closures for unforeseen maintenance issues."

Packers have been proactive since mid-2016 when they began adding more hours for slaughter on Saturdays. There is little chance of any recently closed packing plans reopening.

CoBank analysts believe packers will add more robotics and automation to limit the need for skilled labor.

Export growth looks like it will continue, helping beef producers and packers remain profitable. For 2017, exports are on pace to increase 7-9%, while 2018 exports are projected to increase 5-7%.

"Export demand has been strong," Amen says. "Momentum has been building since July 2016 and forecasts continue to adjust upward for the remainder of this year. Combined with decreased imports, we're experiencing a more favorable net trade balance and keeping domestic per capita supplies in check while supporting prices levels."

## **VARIOS**

### **JAPON: evalúa levantar la barrera sobre las importaciones de carnes bovinas del REINO UNIDO**

25 September 2017 JAPAN - Succulent cuts of prime British beef could be back on menus in Japan as early as next year after a team of Japanese government officials carried out an inspection of UK beef production controls in mid-July. This was more than 20 years after the outbreak of bovine spongiform encephalopathy (BSE) in the UK halted exports.

Japan Today reports that the five-strong team made up of staff from the Ministry of Agriculture, Forestry and Fisheries and the Ministry of Health, Labour and Welfare inspected farms, laboratories, feed mills and abattoirs to obtain first-hand information about food hygiene controls, which were enhanced after a BSE outbreak began in 1986.

The six-day visit was arranged by the UK's Department for Environment, Food and Rural Affairs, the Agriculture and Horticulture Development Board (AHDB), the Food Standards Agency and a number of related organisations with the clear aim of resuming exports of beef to Japan.



"We are thrilled to have welcomed this delegation from Japan," said Dr Philip Hadley, director of international market development for the AHDB. "It represents another important step for UK beef on the global stage.

"Japan is a lucrative market for specific premium beef products and this visit has the potential to create a number of exciting opportunities for UK exporters," he added.

"We look forward to hearing from the delegation and learning what this inspection will mean for quality beef exports to Japan in the years to come."

Speaking to BCCJ ACUMEN, Dr Hadley said the inspectors had been "very positive about what they saw, and we expect the report in approximately three months."

A positive outcome would be welcomed by an industry that was devastated after the first cow fell ill with BSE in 1986.

The UK was the nation worst affected by the disease, with 4.4 million cattle having been slaughtered in the subsequent BSE eradication programme. The ban on exports of British beef, which the European Union (EU) imposed in March 1996, remained in place until May 2006. BSE was reported in cattle in 30 countries, including the US and Canada, while 26 cases were identified in Japan.

The country has already lifted the beef ban it imposed on a number of EU member states, including Denmark, France, the Netherlands, Ireland and Poland. Similarly, Japan reopened its markets to US beef no older than 20 months as early as 2005.

While Japan has already lifted its ban on beef imports from other countries, the inspection process is exacting.

"Each inspection visit is designed to establish the level and effectiveness of controls in place to protect both human and animal health, to ensure the import of safe and wholesome products for consumption by the people of that nation," said Dr Hadley.

"This is part of a process that still has more steps to take but, hopefully, exports could resume during 2018," he added.

Officials at the British Embassy Tokyo have been instrumental in achieving progress on the issue, and are equally confident that soon British beef will again be available in Japan.

"The visit was highly successful," according to Campbell Davis, second secretary at the embassy overseeing economic and trade issues. "The Japanese teams were particularly impressed by the UK's overall controls and testing regime.

"We are confident that the outcome of the inspection will be positive. The visit was conducted very successfully and we look forward to resuming exports of beef to Japan as soon as possible."

**Cut of the market**

According to government statistics, UK producers exported about 30 tonnes of beef to Japan in the years immediately before the ban was imposed. Given the shift in the Japanese diet towards the increased consumption of meat—on average, Japanese now eat about 10kg of beef per person a year—it is estimated that the UK will be able to export about 32 tonnes annually, were it able to regain its previous market share. The industry estimates the market could be worth some £15 million per year.

Given the ready availability of US and Australian beef, however, British producers are likely to attempt to tap into demand for high-end cuts of superior-quality meat.

Experts say that some of the UK's most famous breeds could be in demand. For example, the Aberdeen Angus, with its well-marbled meat and creamy-white fat interwoven throughout the close-grained texture, or the Hereford, one of British livestock's oldest and most important cattle breeds, famed for its marbled cuts and distinctive flavour.

One of the UK firms that is looking to increase its presence in Japan as soon as the ban is lifted is C&K Meats Ltd., based in Eye, Suffolk. It won the Queen's Award for Enterprise this year in the international trade category.

"We are extremely interested in entering the Japanese market, although it is a bit of an unknown quantity for us at the moment," said Jonathan Edge, the firm's sales manager.

The firm recently started exporting high-quality pork to Japan and hopes to be able to build on its growing relationships with distributors in Japan once the beef ban is relaxed, he added.

"Japanese consumers are after a very particular product and issues such as quality and branding are very important to them," he explained.

"Because the competition is so stiff—remember, this is the country that produces wagyu beef, so they know their stuff when it comes to beef—we need to make sure that our beef has a provenance, that it has a heritage and a back story. That is all needed to make sure that it sells."

Mr Edge took part in this year's Foodex—a food and beverage trade show held annually in mid-March at Tokyo's Makuhari Messe exhibition centre—to promote C&K Meats' pork products, and to sound out the market for the resumption of exports of British beef.

"It is very important to attend this sort of event, to meet potential customers or distributors and get a feel for what will work and how we can start to build the relationships that are required in Japan," he said.





"And as soon as that door is opened, we know we have some excellent products to provide to Japan."  
TheCattleSite News Desk

### **CANADA – advierte dificultades para la implementación del CETA en el sector carnes**

25 September 2017 - While still awaiting the resolution of critical technical barriers, Canada's meat packing and processing industry noted the provisional entry into force, effective 21 September 2017, of the Canada-European Union Comprehensive Economic and Trade Agreement (CETA).

Provided the remaining technical constraints are addressed successfully, the CETA offers the potential of significant future exports of Canadian meat products to the European Union.

"The Canadian meat industry has consistently supported a CETA that allows for trade in meat products consistent with the potential that was envisaged by the negotiators and approved by the Canadian and EU legislatures.

"However, commercially viable access will be fully realized only when the associated technical negotiations have been concluded successfully," said Canadian Meat Council President and CEO Chris White.

The timely resolution of two technical barriers are particularly important to enabling full implementation of the CETA. One provision pertains to the location at which the EU health mark label is applied to boxes of meat.

Currently, the Canadian Food Inspection Agency (CFIA) requires the application of the EU health mark label to the boxes before they become eligible for export to the EU. The industry believes this administrative inconsistency should be immediately resolvable by Canada's regulatory authorities.

The second provision pertains to EU procedures for the approval of antimicrobial interventions used in Canada to enhance food safety.

The Canadian meat industry and the Canadian government are at present collaborating on supplemental research to reinforce the existing food safety and antimicrobial efficacy data that have been accepted by food safety authorities in Canada, the United States, Japan and numerous other countries.

The industry expectation is that, once the supplemental research has been completed, these antimicrobial interventions will receive timely approval by the EU regulatory authorities.

"The industry appreciates the continuing endeavours of Canadian officials to ensure a commercially viable outcome for the Canadian livestock and meat sector. We ask that the Canadian and EU governments commit to the resolution of all outstanding technical barriers that prevent the provisions of the CETA from being implemented as envisaged by the negotiators," said Mr White.

"While the industry recognizes that certain barriers may require additional work, others should be resolvable quickly," he added.

Provided the remaining technical barriers can be overcome, the CETA will permit: duty-free exports of 80,549 tonnes of Canadian pork; duty-free exports of 64,950 tonnes of Canadian beef and veal; duty-free exports of 3,000 tonnes of Canadian bison meat; unlimited duty-free exports of Canadian horsemeat; and, unlimited duty-free exports of Canadian prepared meats.

While it is anticipated that some niche exports of Canadian beef and pork to the EU will occur in the meantime, it is not expected that the CETA will reach the potential that was envisaged by Canadians until the associated technical requirements become commercially viable.

Conversely, immediately upon entry into force of the CETA, the EU will:

retain unlimited duty-free access to the Canadian market for pork;

obtain unlimited duty-free access for beef and veal; and,

receive unlimited duty-free access for prepared meats.

Canada's meat processing industry includes 400 federally inspected establishments that not only provide safe, high quality protein for consumers, but also add jobs and contribute significantly to local economies in both rural and urban Canada.

With annual sales of \$28 billion, exports of \$6.1 billion, and 66,000 jobs, the Canadian meat industry is the largest component of this country's food processing sector.

The Canadian Meat Council has been representing Canada's federally inspected meat processing industry since 1919.

TheCattleSite News Desk

25 September 2017 Manitoba Pork Council CANADA & EU - The Canadian Meat Council says unresolved technical issues will give European Union beef and pork producers and processors an advantage over their Canadian counterparts under the Comprehensive Economic and Trade Agreement, Bruce Cochrane reports.

Provisions of the Canada European Union Comprehensive Economic and Trade Agreement which affect market access for red meat took effect last week.

Ron Davidson, the Director of International Trade, Government and Media Relations with Canadian Meat Council, says technically CETA will provide access to Europe for up to a billion dollars worth of Canadian



red meat products but our beef and pork producers and processors will be unable to take full advantage until outstanding technical issues have been resolved.

There is a provision in the current CFIA regulations which require that the EU health mark be applied at the production plant.

However, in order to export pork to the European Union, we also have to undergo a cold treatment which usually takes place in a cold storage and the industry needs to be able to apply that health label to the boxes in the cold storage because all of the production that's eligible for the EU won't actually be sold to the EU.

We'll only be selling certain cuts from each carcass so it's very important that we apply the EU health label only to the boxes that are going to Europe, not to those that will be going some place else.

With respect to some pork producers and most of the beef production we also use antimicrobial treatments in Canada which have not been approved by the European Union so there is additional research required on the antimicrobial part.

Mr Davidson says in the case of pork it's possible for many plants to ship but the current requirements are cumbersome and should be easily resolved but, in the case of beef and some pork establishments, it'll take years to do all the research needed to get the approvals for new antimicrobials.

TheCattleSite News Desk

### **JAPÓN: aumenta el consumo y las importaciones de carne vacuna al 2018**

28 de setiembre de 2017 Un informe realizado por las oficinas en Tokyo del Departamento de Agricultura de los Estados Unidos (USDA), prevé que la producción de carne vacuna se mantendrá estable en 2017 y 2018. Se estiman carcasas modestamente más pesadas contrarrestando una faena ligeramente inferior.

Tras un aumento del consumo en la primer mitad de 2017, se prevé una tendencia al alza del consumo y las importaciones hasta 2018. Una producción que se mantiene estable y que conduce a una fuerte demanda de importaciones que se espera se intensifiquen en los próximos años. Analistas del USDA estiman que en 2018 las importaciones aumenten a 815.000 toneladas.

Según el USDA, el consumo de carne vacuna llegará a 1.265 millones de toneladas en 2018. La faena de ganado japonés en ese año se proyecta para mantenerse en torno al mismo nivel de 1.045 millones de cabezas (con una producción total de carne de 465.000 toneladas).

Se prevé que la competencia de las importaciones entre Estados Unidos y Australia se intensifique en 2018. La mayor faena y la producción japonesa de carne vacuna para ambos países asegurarán un amplio suministro exportable de cortes refrigerados y congelados destinados a los mercados asiáticos, incluido Japón.

## **EMPRESARIAS**

### **BPI creó un fondo de \$10 millones para ex – empleados luego del acuerdo con ABC News**

By Wyatt Bechtel September 28, 2017 The Roth family, owners of Beef Products Inc., have started a \$10 million dollar fund benefiting former workers who were impacted by the closing of plants in 2012 following ABC News reports that called their product "pink slime."

BPI Family Support Fund was started to aid the approximately 750 workers who were laid off at three plants in Iowa, Kansas and Texas.

"We remain committed to our employees and communities and so are dedicating \$10 million to benefit the employees who lost their jobs in 2012," says Eldon Roth, founder and CEO of BPI. "While it took us longer to get here than we had hoped, we are pleased to finally be able to re-connect with those former employees and see what we can do to help them continue to recover."

Following reports by ABC on lean, finely textured beef (LFTB), the company saw revenue drop 80% forcing the plants to close.

BPI then sued ABC and reporter Jim Avila seeking \$1.9 billion in damages, an amount that would be tripled under South Dakota law reaching \$5.7 billion. The case went to court on June 5 and was settled midway through the expected trial length on June 28. Disney reports to have paid \$177 million to settle the defamation lawsuit, but their insurer will pay the undisclosed remainder.

Siouxland Chamber of Commerce and other local community organizations will work with BPI to insure funds are delivered to former employees in an adequate and timely manner.

According to Reuters, a fund could not be set up prior to the lawsuit and settlement because of concerns it could impact the case. Rich Jochum, corporate administrator for BPI, says the settlement funds were not need or directly used to create the fund.

"The effects of the ABC News campaign were felt by more than just our employees and certainly continue on through today as we continue to operate only one of the four production facilities," Jochum says. "Only after we are able to re-establish markets and re-open the other plants will cattle producers, consumers, and others that relied upon our production to add value to their communities be able to recover."



The company was founded in Amarillo, Texas in 1981 by the Roths, where one of the processing plants was closed in 2012. BPI is headquartered in Dakota Dunes, South Dakota and only one plant is operational currently.

### **Carne Angus Friboi fue reconocida internacionalmente**

29/09/17 - por Equipe BeefPoint A qualidade da Carne Angus Certificada brasileira acaba ser reconhecida por um dos mais exigentes órgãos internacionais de certificação: o International Taste & Quality Institute (iTQi), com sede em Bruxelas, na Bélgica.

O filé de costela Angus Friboi recebeu pontuação máxima no Superior Taste Awards 2017, uma prova mundial que avalia alimentos de diferentes lugares do mundo quanto a seu sabor e outras características sensoriais. A avaliação foi realizada a pedido da Associação Brasileira de Angus.

“Essa premiação mostra que estamos no caminho certo. Nossa carne tem padrão de qualidade internacional, agora atestado por um respeitado instituto europeu”, frisa o gerente do Programa Carne Angus, Fábio Medeiros.

A medalha, entregue pelo presidente da Angus, José Roberto Pires Weber, ao gestor de categorias da JBS, Ivan Vicente Sebastião Junior, concede à empresa o direito de estampar o selo de qualidade do ITQI no rótulo do produto por 36 meses.

Além do filé de costela, o contrafilé Angus Friboi também participou da disputa, recebendo distinção com duas estrelas em um grupo destacado de cortes.

As estrelas recebidas pelos cortes Angus Friboi confirmam o alto padrão dos cortes da marca. Os avanços obtidos pela linha Angus Friboi são notórios. Segundo o executivo da JBS, nos últimos anos, as linhas de alto valor agregado registraram forte expansão nas vendas. A carne Angus Friboi superou todas as expectativas com crescimento superior ao esperado para o período. O resultado no ranking do International Taste & Quality Institute serve de estímulo para fomentar ainda mais as exportações de carne Angus para o mercado internacional.

Entre os novos mercados que estão sendo abertos pela JBS está Cingapura, um país que não era alvo direto de prospecções, mas que teve seu primeiro embarque em novembro de 2016. Nos últimos meses, o país vem demandando carne Angus Friboi certificada e um novo carregamento deve ser enviado ainda neste mês de setembro.

Essa expansão deve vir aliada ao fomento à aquisição de animais dentro do Programa Carne Angus Certificada.

Fonte: Associação Brasileira de Angus, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint

### **Mataboi teme que organismo antimonopólico objete su venta a JBJ**

29/09/17 - por Equipe BeefPoint A delação premiada dos irmãos Joesley e Wesley Batista contaminou a análise feita pelo Conselho Administrativo de Defesa Econômica (Cade) sobre a compra do frigorífico Mataboi pela JBJ, empresa de José Batista Júnior, irmão mais velho dos donos da J&F, holding que controla a JBS. A afirmação é do presidente do Mataboi, José Augusto Carvalho, que pensa em judicializar a questão a depender da palavra final da autarquia. “A gente, de certa maneira, está na hora errada, no lugar errado”.

Segundo Carvalho, o clima mudou na autoridade antitruste após a delação dos irmãos Batista, que não teve nenhuma participação do dono da JBJ, conhecido como Júnior Friboi.

“A denúncia da JBS contra todos os poderes criou antipatia nacional em torno do tema e em especial dentro do Cade”, disse. A autarquia é citada na denúncia no âmbito de uma tentativa da J&F de conseguir uma liminar que beneficiava uma de suas empresas controladas em negócios com a Petrobras.

“Nós não temos nada a ver com isso, mas a vida é como ela é. A sensação que temos é que estamos sofrendo uma certa perseguição por parte do órgão, que está trazendo elementos que, segundo nosso advogado, nunca foram trazidos”, continuou.

Ele se refere à hipótese de o Cade considerar a JBS e a JBJ como um mesmo grupo econômico para fins de análise concorrencial. Essa visão elevaria, e muito, a participação da JBJ no mercado, dificultando a operação.

Para Carvalho, quando o caso for analisado pelo plenário, as restrições deveriam ser comportamentais e não envolver a venda de ativos.

“Nós não teríamos problema em aceitar um ‘castigo’. Nós assinamos na época um compromisso de reduzir a cláusula de não competição que temos com antigos proprietários. Também assinamos no ano passado um compromisso no qual o José Batista Júnior não teria uma posição na divisão de carne da JBS durante o período da análise pelo Cade. Isso poderia perdurar. Mas isso depende muito se o Cade realmente quer buscar solução”, afirmou.

Carvalho se queixa de falta de atenção por parte do órgão. “O Cade poderia, se estivesse no melhor momento, nos receber melhor. O novo presidente do Cade [Alexandre Barreto] não nos recebeu. O relator [Alexandre Cordeiro] nos recebeu há três meses e depois não mais”,



“O Mataboi tem dois frigoríficos. É muito pouquinho. A JBS é uma multinacional com mais de 30 frigoríficos”, apontou. Assim, continuou, qualquer venda de ativo inviabilizaria o funcionamento do Mataboi. “É uma empresa com duas fábricas, não dá para se desfazer de uma. Isso destruiria o valor da empresa”, disse.

Se a análise prosseguir na trilha em que está, o mais provável é que a questão seja judicializada, o que não seria bom nem para a empresa e nem para o Cade, afirmou o executivo.

“Se a decisão não for aceitável e possível, vamos ser obrigados a ajuizar decisão para defender nossa posição, porque tecnicamente não vemos nenhum sentido na situação que está se apresentando. É muito mais político do que técnico e, nesse caso, contamos com o judiciário”, acrescentou.

O atual relator do caso, o conselheiro Alexander Cordeiro, foi indicado para a Superintendência Geral do Cade e repassará o assunto para sua provável substituta, a advogada Polyanna Vilanova, que aguarda pela sabatina do Senado Federal para ter seu nome ratificado. Carvalho, entretanto, não acha que isso muda algo em seu caso.

O caso precisa ter uma resolução até o início de novembro, de acordo com o prazo previsto em lei.

Nesse cenário, Carvalho insiste em pedir “mais diálogo” com a autoridade antitruste.

Fonte: Valor Econômico, resumida e adaptada pela Equipe BeefPoint.